

35º Encontro Anual da ANPOCS

Caxambu, 24 a 28 de outubro de 2011

GT07 - Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição

Coordenadoras:

Cristina Patriota de Moura (UnB)

Mariana Cavalcanti Rocha dos Santos (FGV-RJ)

Método Documentário e a análise das Sociabilidade Urbana de Jovens Rappers

Breitner Tavares¹, UFAL

Resumo

Este trabalho faz uma apresentação geral da contribuição teórica do método documentário desenvolvido a partir de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa em Ciências Sociais para o estudo de jovens em espaços urbanos segregados. Dessa forma, observa-se o potencial analítico do método para o estudo das orientações coletivas promovidas pela juventude, no sentido da construção de um estilo de vida em torno da cultura jovem como fator preponderante para a configuração geracional. Além disso, em termos empíricos, este artigo propõe a abordagem do problema referente à marginalização da juventude de comunidades localizadas na periferia urbana do Distrito Federal, tendo por referência algumas de suas cidades, mais precisamente, Ceilândia-DF. O recorte analítico para se observar o tema é o estilo de vida em torno da cultura *hip-hop* praticada por jovens no Distrito Federal, que compreendido como aspecto centra em sua sociabilidade urbana.

Palavras chave: método documentário, sociabilidade urbana, juventude, hip hop, Distrito Federal.

¹ Professor adjunto do Instituto de Ciências Sociais - ICS - da Universidade Federal de Alagoas UFAL e coordenador do Programa de pós Graduação em Sociologia – PPGS.

Abstract

This work makes a general presentation of the theoretical contribution developed by Karl Mannheim's documentary method for the qualitative research in Social Sciences. In fact the documentary method is applied for the collective orientations research promoted by youth, in the direction of the construction of a life style around the youth culture as preponderant factor for the generational configuration. Furthermore, in empirical terms, this article considers the boarding of the referring problem to the marginalization of the youth of communities located in the urban periphery of the Federal District, having for reference some of its cities, more necessarily, Ceilândia-DF. The analytical clipping to observe the subject is the life style around the hip-hop culture practiced by youth in Brasília that understood as producing mechanism of its collective orientations.

Key words: Documentary method, urban sociability, youth, hip hop.

MÉTODO DOCUMENTÁRIO E O ESTUDO DAS Sociabilidade urbana DA JUVENTUDE

Para o desenvolvimento da problemática sobre a cultura jovem *hip-hop* em Ceilândia foram enfocados aspectos da história e da trajetória de alguns grupos de jovens que se reúnem em função do *rap*. A interação social dos jovens no espaço urbano foi analisada a partir do *método documentário de interpretação*, criado pelo sociólogo húngaro Karl Mannheim. Essa proposta de cunho etnográfico terá um referencial teórico metodológico na avaliação dos dados empíricos produzidos mediante entrevistas, observação participante, bem como a partir de produção e coleta de materiais audiovisuais.

O *método documentário de interpretação* foi desenvolvido por Mannheim (1993), para a análise da categoria “visão de mundo”². Trata-se de um esforço

² A categoria “visão de mundo” (*weltanschauung*) pode eventualmente ser associada a outras expressões como, representações ou orientações coletivas.

teórico para se desenvolver uma sociologia da cultura que vai atribuir uma importante ênfase aos aspectos qualitativos das orientações coletivas dos grupos sociais. Outras abordagens de cunho compreensivo nas ciências sociais ocorrem na obra de autores como Max Weber, na fenomenologia de Alfred Schutz, na dramaturgia de Erving Goffman, entre outros.

Para o autor, as experiências do mundo da cultura devem ser entendidas a partir de categorias próprias, mas distintas da teoria enquanto tal. Refletir teoricamente, ou seja, traduzir em teoria um fenômeno de natureza *sui generis*, como expressões da subjetividade de uma juventude, significa voltar-se para dimensões pré-teóricas, ao nível da existência cotidiana. Nesse contexto, há uma clara tentativa de superação da dicotomia entre a reflexão de caráter eminentemente teórico e da pesquisa que seria simplesmente “empírica”. Isso se sustenta quando se admite que a teorização não se inicia com a ciência, mas sim no âmbito da experiência cotidiana.

Assim, os jovens da cidade de Ceilândia-DF, na medida de suas realizações na vida cotidiana constroem visões de mundo a partir das ações práticas. Contudo, esses jovens se compreendem mutuamente em função de sua convivência pré-reflexiva, tácita, sem empregarem necessariamente uma interpretação de suas ações.

Quando se está diante de interlocutores ou de um bem simbólico, como uma letra de música, ou um depoimento, é possível que haja intencionalidades distintas daquelas apresentadas no primeiro contato observado ao *nível objetivo*. Assim, para além do significado objetivo, o ato observado poderá conter um significado inesperado, às vezes, até contraditório. Nesse caso, o observador terá que recorrer a novas categorias para aquilo que se apresenta de maneira dinâmica para além de sua mera “aparência”; para cada significado novo será necessária uma categoria nova capaz de explicar a expressividade da ação definida pelos sujeitos sociais.

Nesse contexto, o *significado expressivo* é relevante, pois permite observar o sentido íntimo que os indivíduos atribuem a suas ações, sem separá-los do mundo da experiência. Dessa forma, o estilo musical *rap* permite a

construção de todo um meio expressivo por parte de seus interlocutores, que fazem alusão a categorias como a pobreza, a vida na periferia urbana ou a sua identidade racial. O observador deve perceber esse “universo íntimo” em um primeiro momento, a partir do sentido atribuído por esses jovens.

Segundo Mannheim, o pesquisador, ao se posicionar como “testemunha” que observa e interpreta a cena, está em condições de partir do significado expressivo para o significado documentário, que se refere à compreensão daquilo que é expresso pelos indivíduos de modo inconsciente, não intencional. No caso em que se pretende documentar as representações coletivas de jovens é relevante atentar-se, inclusive, para aspectos não verbais, como gestos, expressões faciais, o modo de conversar. Isso porque, enquanto ocorre uma conversa entre jovens e pesquisador, em alguns casos, o pesquisador pode perceber ou constatar a assimetria entre o que é dito e o que é expresso, tanto no jogo corporal, como no contato ambiental do lugar. A observação desses múltiplos aspectos expressivos dos jovens permitirá ao pesquisador uma visão mais abrangente da ação social. Isso se torna relevante para se promover uma análise documentária, ou seja, para que se compreenda a ação social além da intencionalidade dos atores sociais.

Nessa etapa de reconstrução documentária, o pesquisador deve analisar que determinados sinais de linguagem inscritos em gestos estereotipados não encerram simplesmente uma “gramática universal”. A atenção, nesse caso, deve estar voltada para outros possíveis gestos que possuam uma carga expressiva-significativa para os jovens em sua sociabilidade no espaço urbano. Contudo, observar a expressividade de gestos individuais não implica meramente uma abordagem psicológica das representações da juventude. De fato, o nível de interpretação documentária parte da experiência psíquica dessa juventude. O sentido documentário não demanda, necessariamente, conhecer toda a trajetória dos indivíduos, para que se possa compreendê-los num determinado contexto das representações coletivas.

O que se faz relevante no sentido documentário não é explicar o que significa o *hip-hop* em termos essenciais, mas compreender como se opera a construção de identidades; como, a partir do *hip-hop*, uma juventude como a localizada na cidade de Ceilândia-DF orienta suas práticas sociais. A maneira como os assuntos são tratados em uma conversa, bem como o tipo de seleção dada a esses assuntos em determinado contexto pode ser mais uma pista para a construção desse sentido compreensivo.

Dessa forma, a interpretação documentária da juventude em Ceilândia é influenciada pelo seu contexto, pela sua localização histórica sociogenética. Essa condição demanda ainda uma contínua renovação da interpretação documentária. A tradução, em termos teóricos, desse conjunto de significações da vida cotidiana *a-teórica* ocorrerá mediante certos aspectos significativos que prevalecem em relação a outros.

Na pesquisa sobre jovens do Distrito Federal foram realizados grupos de discussões. Em relação a essa abordagem, considera-se que os grupos, ao se posicionarem perante certas questões trazidas pelo pesquisador, não formulam suas respostas simplesmente pela ocasião de uma interação; essas opiniões constituem reflexos das orientações coletivas ou visões de mundo referentes ao contexto social dos entrevistados. Nesse caso, torna-se relevante conhecer vivências coletivas, o *habitus* dos jovens. Portanto, a noção sociológica de grupo é definida pela relação de interdependência, na qual se compartilham valores numa dinâmica que, eventualmente, enfatiza aspectos harmônicos ou conflitantes, que são intrínsecos a um grupo estruturado (Vandenberghe, 2005, p. 115). De fato, na medida em que os costumes e regras compartilhados por um grupo se tornam peculiares, observa-se sua relativa separação de outros grupos sociais em função do estilo de vida.

Nesse sentido, o método de grupos de discussão será relevante para que o pesquisador se aproxime do contexto relacional dessa juventude da periferia urbana de Brasília ceilandense, expresso através de seus discursos e gestos, de modo que se possa reconstruir teoricamente aspectos do seu meio social, histórias e trajetórias desses grupos e o enfrentamento do racismo no contexto

de uma segregação socioespacial imposta pela lógica urbana do Distrito Federal (WIVIAN, 2010).

Durante a pesquisa foram realizados quinze grupos de discussão com aproximadamente cinquenta e cinco jovens, organizados em grupos de *rap* e *street dance*. Os jovens em geral se identificavam com o *hip-hop* e com os grupos dos quais fazem parte e, em geral, estavam habituados a realizar apresentações públicas em escolas, casas de festas ou boates.

Em relação ao critério de seleção dos grupos, levou-se em conta a qualidade das respostas apresentadas durante as discussões dos grupos, obtida a partir da demonstração do conhecimento dos grupos sobre as questões apresentadas, como discute a teoria fundamentada ou *ground theory* (Strauss, 1967).

Durante o trabalho de campo, a cada entrevista era feita uma avaliação em relação aos grupos entrevistados, de modo a construir uma amostra representativa em função dos interesses teóricos da pesquisa. Nesse caso, foram selecionados quatro grupos de jovens que se reúnem pelo interesse musical no *rap*. Essa seleção permite submeter as informações apresentadas por cada grupo comparativamente o que permite verificar a pertinência das questões de pesquisa bem como a análise das orientações coletivas dos jovens apresentadas durante as respostas apresentadas na realização dos grupos de discussão. Essa abordagem está vinculada a perspectiva da *amostragem teórica* proposta de Glasser e Strauss (1967). Além disso ao final de cada entrevista questionários foram respondidos pelos jovens.

Além disso, os grupos apresentaram em suas respostas aspectos que permitiram a análise comparativa de suas orientações coletivas em torno da formação geracional, relacionamento e sexualidade, bem como em torno de suas experiências frente à discriminação e suas estratégias. Apesar de algumas exceções, os jovens, em geral, têm entre 17 e 27 anos, são homens, se identificam como negros e vivem nos setores considerados mais pobres em Ceilândia-DF.

Cabe ressaltar em relação a configuração urbana da periferia de Brasília se formou ao longo dos seus 50 anos de existência em função da ideia de se

promoverem erradicações de favelas para instauração de assentamentos planejados, já recorrentes na América Latina desde os anos 60 e 70, para a solução de problemas relacionados com a imigração e o crescimento populacional nas grandes metrópoles. Nesse caso, a periferização planejada de Brasília estabeleceu o sentido de “cidade dormitório”. Trata-se de espaços segregados, com precários equipamentos urbanos insuficientes para o suprimento das necessidades locais. Isso reforçou a secundarização da vida dessas cidades que dependem da oferta de empregos e serviços, do núcleo central representado pelo Plano Piloto.

A dinâmica urbana que cria Ceilândia, cidade fundada em 1971, tem seu nome resultante da sigla CEF Campanha de Erradicação de Favelas, posteriormente denominada de CEI, “Campanha de Erradicação de Invasões”. Esse projeto urbanístico tinha como propósito a remoção de invasões, termo aferido às ocupações das várias vilas que se formaram dos acampamentos próximos à cidade do Núcleo Bandeirante (antiga Cidade Livre).

Em 1980, Ceilândia possuía 286.147 habitantes, dos quais 65,3% tinham até 29 anos, ou seja, 186.854 crianças e jovens aproximadamente (CODEPLAN). Nesse mesmo período, a renda *per capita* em termos de salário mínimo era de 0,51 salário para famílias com aproximadamente 5,27 pessoas. Portanto, é possível se considerar que Ceilândia, aos 10 anos de existência, era uma cidade com a maioria de sua população jovem, migrante e de classe econômica pobre, situada num espaço pauperizado. Essas diferenças sociais estabeleceram diferenciadas expectativas de vida, que por sua vez geraram um grande impacto na formação da juventude distante do poder aquisitivo da juventude das regiões mais abastadas da Capital.

Em relação ao processo de segregação socioespacial, movido pela especulação imobiliária do solo urbano em Brasília, observa-se uma certa proporcionalidade entre variáveis como juventude, raça e violência. A exemplo disso, tem-se que Brasília possui 25,2%³ de sua população autodeclarada negra (ou seja, pretos e pardos) e um índice de 12,9 mortes por homicídio por 100.000

³ Fonte: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD – em 2004.

habitantes⁴. Em contrapartida, Ceilândia, com 54,2% de sua população negra, acumula um índice de 43 mortes a cada 100.000 habitantes. Essa proporcionalidade entre concentração de população negra e pobre com a violência é observada em diversas cidades próximas a Brasília.

Os procedimentos de coleta de dados sobre os jovens de Ceilândia foi baseado numa perspectiva etnográfica, bem como a ênfase na história de vida dos atores sociais entrevistados, foram utilizados para se reconstruir as visões de mundo presentes em suas ações coletivas. Nesse caso, o método documentário de interpretação encontra operacionalidade de diversas formas. Materiais como imagens fotográficas, documentos e a prática da observação participante, incluindo-se a realização de entrevistas, podem constituir referenciais para o processo de compreensão da visão de mundo dos sujeitos sociais. Essa triangulação de métodos ou de técnicas de coleta de dados será de grande relevância para uma maior abrangência da análise das entrevistas de grupo.

Em atenção a aspectos éticos, os nomes dos respondentes, bem como o nome dos setores onde vivem, grupos e organizações receberam pseudônimos com vistas a garantir o anonimato, bem como para preservar sua integridade.

Sociabilidade Urbana: estilo de vida hip-hop e o envolvimento com trabalho social

Durante o trabalho de pesquisa etnográfica em relação a sociabilidade dos grupos selecionados, foram enfocados aspectos relacionados às questões de sua estrutura familiar na região onde vivem. Esse enfoque permitiu que se observasse como a família e as relações interpessoais de amizade são relevantes para a construção de um sentido de pertencimento, observado a partir das orientações coletivas dos jovens em torno do estilo *hip-hop*, em

⁴ Fonte: Ministério da Saúde, sistema de informações sobre mortalidade, Cd-Rom, 2002 e IBGE, Censo demográfico em 2000.

especial pela apreciação do *rap* como forma de expressão estética. O espaço urbano em sua complexidade, bem como as semelhanças no que se refere à condição de classe dos grupos, permitiram que os jovens se identificassem numa experiência intersubjetiva geracional.

As orientações coletivas em relação ao estilo *hip-hop* revelam que, em geral, os grupos tentam definir sua identidade em oposição a outros grupos. Isso ocorre a partir da indumentária que constrói um corpo com seus aparatos e gestos, além de um discurso no sentido de um movimento de protesto e denúncia, que caracteriza o sentido de “missão” que esses grupos pretendem para suas ações. Os jovens em diversos momentos se voltam para estereótipos criados por eles como meios distintivos de outros grupos subculturais, como “pagodeiros” ou “roqueiros”. Contudo, informalmente, observa-se que nos espaços de sociabilidade, como escolas, festas ou o setor onde vivem, esses jovens *rappers* interagem com outros grupos e estabelecem vínculos de socialização que ultrapassam o sentido sectário observado em alguns momentos de seu discurso.

O sentido das orientações coletivas dos grupos de jovens envolvidos com o *rap* se situa no contexto comparativo realizado entre outros grupos selecionados. Os resultados encontrados sobre suas orientações geracionais, portanto, correspondem à sua visão de mundo frente a questões relativas às suas práticas culturais em relação à musicalidade do *rap* e outros componentes do *hip-hop*⁵.

Os grupos de *rap* apresentaram a partir de suas respostas diversas semelhanças, o que não implica um caráter homogêneo no que se refere à sua formação e envolvimento com o *rap*. As relações vicinais estruturadas pela escola e pelas limitações geográficas que os bairros impuseram foram decisivas

⁵ As respostas relacionadas às orientações geracionais dos jovens *rappers*, apesar de serem definidoras de seus próprios estilos de vida, por outro lado não são algo que seja necessariamente exclusivo desse tipo de subcultura. Em outros termos, grupos de jovens envolvidos com o samba ou *rock* podem apresentar elementos comparativamente semelhantes às orientações coletivas de jovens *rappers*, apesar da diferença expressa pela superficialidade de sua indumentária.

para a realização de um encontro dos jovens. Há um protagonismo jovem que chama atenção para um envolvimento no sentido da mudança social em suas vizinhanças e famílias. Os jovens buscam assumir a responsabilidade por aquilo que, às vezes, chamam de “revolução” ou “correr atrás de algo verdadeiro”. Além disso, o ambiente familiar se configurou como um espaço relativamente importante para a socialização e contato com gerações mais velhas, representadas pelos pais, mães, padrastos ou irmãos. Contudo, apesar da ênfase dada à família e ao respeito aos mais velhos, esse tipo de argumento paralelamente informava o desejo e as atitudes dos jovens no sentido de construção de um contexto geracional específico, de um espaço paralelo ao mundo adulto, onde eles pudessem construir sua identidade a partir do seu estilo de vida, com suas respostas aos problemas enfrentados em seu cotidiano.

Em geral os grupos foram entrevistados e acompanhados em eventos ocorridos em escola ou espaços comunitários. Ao . Em algumas ocasiões freqüentei festas e eventos promovidos pelos próprio jovens

Sobre a formação dos grupos, o BR45 e *Rap Comando* se originaram de maneira semelhante, ambos a partir de projetos promovidos por instituições assistenciais que atuam em escolas no setor QNZ, onde os jovens residem. O grupo BR45, formado há mais de dez anos, frequentou esse tipo de oficina até decidir deixar o ambiente da escola para atuar como artistas locais representantes do estilo *rap*. No grupo composto por cinco jovens Augusto é cantor e uma das principais lideranças ao lado de Bantu. Augusto trabalha como empresário do grupo e costuma atuar na produção de festas locais. Ele tem 20 anos, é negro e vive em Ceilândia com seus pais. Além disso, menciona possuir uma namorada, apesar de não ter declarado isso no questionário. Antes dela, teve outro relacionamento de quatro anos que resultou num filho que tem um ano de idade. Augusto possui 7 irmãos, dentre eles, Bantu e Elmo, ambos do BR45. Bantu também é cantor e uma das lideranças do grupo. Ele tem 27 anos, é negro, sem religião e vive em Ceilândia com seus pais. Ele estava desenvolvendo há dois meses atividades comunitárias subsidiadas pelo Governo Federal no projeto Segundo Tempo, ministrando aulas de *jiu-jitsu*. Ele pretende cursar educação física. Cenin é cantor. Ele é o mais jovem do grupo e pretende

ser cineasta. Seu lazer preferido é praticar *street ball* (basquete de rua), está no grupo BR45 há dois meses e costuma se encontrar com o restante do grupo na quadra. Duarte cantor e um dos principais compositores do grupo, é o membro do grupo com maior conhecimento em informática, além disso compõe as bases eletrônicas do grupo. Ele tem 24 anos, é branco. Duarte possui ensino médio completo e trabalha em manutenção predial, já realizou curso de informática e pretende cursar sistemas de informação. Elmo cantor, 23 anos, é negro. Possui o ensino fundamental completo e está empregado como instrutor de basquete no programa Segundo Tempo. Elmo pretende cursar Educação Física, seu lazer predileto é jogar *street ball*. Além disso, ele participa de uma ONG há dois meses, chamada Lutadores.

O grupo *Rap Comando*, por sua vez, é um grupo formado recentemente, há seis meses, e ainda frequenta o espaço das oficinas como uma possibilidade de se encontrar nas vizinhanças, bem como uma forma de aprender aspectos técnicos que envolvem o *rap* e o grafite enquanto estéticas do *hip-hop*, importantes para o grupo. Dentre os grupos acompanhados era o mais numeroso com aproximadamente 15 integrantes, a maioria com menos de 20 anos. Dentre eles os mais destacados são Liba e Amanda. Liba é o líder do grupo, aquele que compõe as letras e organiza as apresentações, tem 20 anos, reside em Ceilândia, tem um filho, 5 irmãos, vive com os pais. Ele se considera *oficineiro de rap*, possui ensino fundamental incompleto e não frequenta a escola. Amanda é dançarina de *street dance (b-girl)*, tem 15 anos, mora em Ceilândia com os pais, é solteira, não tem filhos, tem um irmão, é católica, brasiliense, possui ensino fundamental incompleto, está desempregada e deseja cursar artes cênicas ou medicina veterinária. Participa de outro grupo de dança – *street dance* – há 3 anos, está no *Rap Comando* há 3 meses.

Os grupos Revolução MCs e Resistência Periférica, de maneira distinta aos outros grupos, surgiram em função da relação vicinal entre jovens que se encontravam nas redondezas do setor onde vivem, em quadras esportivas, jogando futebol ou em bailes. Eles compartilham das mesmas experiências que os motivaram a criar o grupo.

O *Revolução MCs* é composto por três jovens, Amaro se impõe como liderança tem 19 anos, se identifica como branco, reside em Ceilândia, não tem filhos, uma irmã, está namorando, nasceu no Ceará (CE), mas vive no Distrito Federal há 6 anos, com a mãe e o padrasto. Está cursando o ensino médio, está desempregado, mas pretende se tornar um músico profissional cantando *rap* e/ou sendo DJ, seu lazer preferido é escutar *rap* e tomar cerveja. Participa de atividades de conscientização nas periferias, está no grupo há 5 anos. Blink tem 17 anos, é branco, mora em Ceilândia com os pais, não tem filhos, possui 4 irmãos, solteiro, paraibano, vive em Brasília há 17 anos, possui fundamental incompleto e está fora da escola, trabalha como camelô, gostaria de se tornar um produtor musical de *rap*, seu lazer preferido é frequentar bailes de *rap/hip-hop*. Participa de uma associação que segundo ele, visa mostrar a realidade do nosso cotidiano, está no grupo há quatro ou cinco anos, costuma se encontrar com este diariamente, na rua ou em casa. Conheceu o grupo na vizinhança, foi o fundador do grupo. Conde tem 20 anos, é negro de religião protestante. Devido a problemas pessoais, ele evadiu-se antes do término da entrevista e não respondeu ao questionário.

O grupo Resistência Periférica é o que possui os integrantes com mais velhos. Amauri é o líder do grupo, cantor e compositor das letras. Ele tem 24 anos, é negro, casado, tem um filho, possui 7 irmãos, vive atualmente com sua companheira. Possui o ensino médio incompleto e está desempregado, mas pretende estudar direito e advogar no futuro. Amauri gosta de jogar futebol, de frequentar samba e tomar cerveja, além de curtir *rap*. Ele atua num grupo que trabalha a conscientização popular em Ceilândia há dois anos e meio. Costuma se encontrar diariamente na casa dos amigos do grupo. Boca é cantor tem 23 anos, é negro, casado, possui 3 irmãos, tem um filho e vive com sua companheira em Ceilândia, cidade onde nasceu. Concluiu o ensino médio e trabalha como estoquista e cantor de *rap*, ele gostaria de trabalhar numa profissão que “incentivasse” as pessoas, como exemplo desse tipo de profissão, ele cita a de professor. Seu lazer predileto é cantar *rap*, informa que está envolvido em atividades comunitárias no bairro e que ajuda a juventude a mudar sua perspectiva, definida por ele como “ajudar os irmãos”. Boca informa que

conheceu o grupo nas ruas, “vivendo o dia-a-dia da Ceilândia”, explica. Ele mencionou participar de organizações na cidade voltadas para a juventude, como o Grupo Atitude e CUFA (Central Única das Favelas). Conrado é cantor, tem 21 anos, é negro, separado, não tem filhos, possui 4 irmãos e vive com os pais em Ceilândia há 13 anos. Ele diz que, em termos de religião, se “identifica com o evangelho”. Conrado não concluiu o ensino médio e está fora da escola, atualmente está desempregado, mas pretende se tornar professor no futuro. Ele tem como principal lazer cantar *rap*. Ele não participa de nenhuma associação comunitária, ele diz que está no grupo há 6 anos e se encontra com seus parceiros quase diariamente na casa de Amauri. Denis tem 27 anos, é branco, vive com sua companheira e tem uma filha. Denis nasceu em Brasília (DF), mas vive em Águas Lindas (GO) há 14 anos. Ele informa ter irmãos, mas não diz quantos. Denis informa que não está na escola no momento e que trabalha como motorista de transporte alternativo em Águas Lindas. Não informou sobre as atividades que gostaria de exercer no futuro. Seu lazer preferido diz respeito a tudo que envolva o *rap*. Denis está no grupo RP há 8 meses e se encontra com seus parceiros 2 vezes por semana na QNV. Menciona que conheceu o grupo através de bailes que ocorriam na vizinhança.

Em relação ao um plano comparativo, observa-se que diferentemente dos jovens do BR45 ou do *Rap* Comando, os grupos Revolução MCs e Resistência Periférica não foram produzidos no interior de programa assistenciais ou ONGs, mas a partir da iniciativa de grupos de afinidade que passaram a agir como jovens empreendedores locais e que compartilhavam das mesmas situações existenciais de pobreza e exclusão social. Todo o processo de elaboração desses grupos, passando pela elaboração de um nome representativo, bem como pelo tipo de letras que iriam abordar, dentre outros aspectos da formação de um sistema de gostos expressos por suas orientações coletivas, está associado ao processo de auto-aprendizagem a que os grupos se submeteram na busca de uma identidade em comum e de determinados fins para sua práxis estética.

Sobre a elaboração de um projeto político-pedagógico, os grupos estão voltados para um conjunto de práticas lúdicas e consumo, que envolvem o rap como estilo musical. Diante disso, o grupo BR45 discute seu processo de formação seletiva, em que muitos não resistiram devido a seu envolvimento com o uso de drogas e a pichação, prática contrária à ética do grupo. Criar um grupo de *rap* foi o meio encontrado por esses jovens para apresentar um contraponto, uma aposta num futuro livre desses problemas. Além disso, o envolvimento com o *rap*, com a capoeira permitiu ao grupo se reconhecer como um produtor de “cultura” no sentido de um conjunto de práticas identificadoras de uma negritude.

Os jovens do *Rap Comando* argumentam que o *rap* é uma forma de expressão artística e política dos problemas que enfrentam em sua cidade. O sentido de mudança social para esses jovens se expressa no sentido de “correr atrás” de algo “verdadeiro”. A crônica social elaborada nas letras do grupo representa um meio de organização e mobilização locais pelas mudanças que julgam necessárias para superar os constrangimentos sociais, definidos como as “humilhações”.

O grupo Revolução MCs, de modo semelhante ao grupo BR45, reivindica o sentido de uma missão política para realizar o resgate daqueles envolvidos no “vício do álcool e das drogas”. O meio para essa mudança de atitude está relacionado ao potencial lúdico e atrativo que o *hip-hop* apresenta para a juventude. O *rap* enquanto uma forma política de identidade adquire uma conotação mais efetiva em termos de sua capacidade de transformação quando associado à conversão religiosa protestante. A orientação religiosa redefine os vínculos afetivos de amizade entre os jovens e suas famílias, o que gera a capacidade de mobilização social para lograr suas finalidades políticas de “resgate social”.

O grupo Resistência Periférica enfatiza as trajetórias familiares de seus integrantes, bem como de outros jovens que compartilham das mesmas condições de violência enfrentadas na QNX. O enfrentamento desses problemas seria o eixo norteador de uma formação geracional em relação ao

hip-hop e ao *rap*, com vistas a criar uma representação política a partir de manifestações estéticas.

Geralmente, o sentido de missão política voltada para a mudança social assumida pelos grupos, é apresentada de diversas maneiras, tais como “revolução”, “cultura forte”, “buscar algo verdadeiro”, entre outras, não passa pela perspectiva dos movimentos sociais político-partidários ou de uma esquerda política institucional, com ideais revolucionários tradicionais. De fato, os jovens se organizam de modo autônomo e defendem uma intervenção de natureza assistencialista através de ONGs nas regiões onde vivem, com um meio ambiente urbano desprovido de equipamentos públicos voltados para o lazer e programas sociais para a juventude.

Em relação à visão do espaço social urbano, os jovens dos grupos denunciam que, mesmo em sua região, os valores individualistas prevalecem em detrimento de valores associativistas e comunitários. Mesmo vivendo em meio a um setor desprovido de infra-estrutura e falta de lazer, as pessoas estão mais preocupadas em “andarem bonitinhas”. Os grupos defendem uma intervenção no sentido de se garantir o direito à cidade por práticas lúdicas de lazer e esportes. Essa seria a garantia de uma redução do quadro de violência nas cidades onde vivem.

Os jovens dos grupos, em geral, defendem um protagonismo jovem, em que o *rapper* assumiria o caráter formal de uma liderança comunitária no sentido de defesa dos interesses locais. Essa prática se daria pelo *rap* como uma forma de veiculação de protesto e engajamento em defesas dos jovens, como mencionado na expressão do grupo Resistência Periférica: “ser os advogados dos moleques”. O sucesso enquanto empreendedores musicais também deveria ser consequência da criação de uma nova cultura política. Por outro lado, os grupos reconhecem a dificuldade de se alcançar o ideal de uma transformação frente a valores que primam por relações mais impessoais e individualistas, mesmo na periferia da metrópole.

Acerca da percepção do espaço urbano e de possíveis interações sociais, os grupos descrevem os valores que são predominantes numa periferia

em duas diferentes abordagens. Em relação à primeira, de tom pessimista, os jovens afirmam que os desacertos ou rixas são frequentes como forma da materialização da violência que atinge, principalmente, os jovens em seu cotidiano na escola, nos campos de futebol, na esquina, nos bailes, entre outros. A violência entre jovens é naturalizada como parte da rotina cotidiana, base para o discurso de “resgate” social. Existe uma mitificação dessa representação social da violência a partir de estereótipos urbanos, onde há criminosos e policiais corruptos, de um lado, e a população refém de um estado de descontrole social, de outro. Em relação à segunda abordagem, essa está relacionada a uma mobilização, “correr atrás” ou “ser os advogados dos moleques”, o que se relaciona ao item discutido anteriormente sobre protagonismo jovem e sentido de mudança social. Em geral, os jovens enfrentam grande dificuldade para realizarem seus projetos como produtores locais e como lideranças políticas em potencial.

Em relação ao enfrentamento de uma perspectiva urbana e distópica materializada, definida pela violência, os grupos defendem uma reelaboração das regras sociais, em que a humildade e o sentido de existência do grupo passam a ser parte da etiqueta urbana. Para isso, cria-se um conjunto de gestos, o que seria um atributo do estilo *rap*, uma estratégia jovem de sobrevivência, que é materializada corporalmente pelo vestuário característico do estilo *hip-hop*.

Durante as discussões com os grupos de *rap*, ao apresentarem suas queixas sobre os problemas locais, como pobreza e violência, bem como ao falarem da dificuldade para uma mobilização social, os jovens construíram uma categoria de uma alteridade que seria em parte responsável pela dificuldade na mudança social que vislumbram. Trata-se da categoria *playboy*, às vezes denominada, “riquim” (riquinho), é utilizada para tratar do *outsider*, ou seja, daquele jovem que não compartilha o mesmo *status* social dos jovens que vivem na periferia como parte de um sistema classificatório. Segundo eles, o *playboy* não reconhece as regras locais e ostenta um suposto privilégio de classe e eventualmente se envolve em conflitos com os jovens da periferia, “os humildes”.

Sobre a relação dos grupos com pessoas mais velhas, ou seja, que pertencem a diferentes gerações, os grupos apresentam respostas aproximadas. A relação com pessoas mais velhas é sempre considerada como importante, especialmente no que diz respeito ao acesso à experiência acumulada durante os processos socializadores. Por outro lado, também se observa, nos dois grupos, a tendência a buscar espaços de circulação e de troca de experiências que sejam exclusivamente jovens. A relação entre diferentes enteléquias geracionais, ou seja, diferentes construções do sentido de visão de mundo, como no caso dos *rappers* e seus pais, está condicionada a uma abertura para o reconhecimento das alteridades, baseada naquilo que os jovens definem como “respeitar para ser respeitado”.

Sobre a relação familiar, a mãe é representada como alguém de extrema importância, principalmente em se tratando de famílias cujos pais estão ausentes. A idealização do pai, às vezes passa por uma extrema depreciação, especialmente quando este é ausente da família, contudo, mesmo nesses casos, o sentido do pai enquanto patriarca, provedor, prevalece, trata-se do pai “guerreiro”. O relacionamento entre irmãos e irmãs está condicionado a padrões hierárquicos tradicionais, em que se valoriza o mais velho e o sexo masculino como co-responsável pela educação dos mais jovens, todavia, observam-se certas limitações em que os mais jovens e as meninas subvertem esse legado patriarcal. Em alguns casos, os irmãos mais velhos são apresentados como referenciais para a socialização dos jovens no *hip-hop* ou são construídos como “heróis” que protegem seus irmãos mais novos do envolvimento com a delinquência.

Em termos da constituição dos grupos enquanto uma subcultura, os jovens entrevistados expressaram estar vinculados a um determinado padrão de gosto social que envolve a apreciação pela indumentária *hip-hop*, que passa por um modo de se vestir distinto de outros estilos jovens, assim como um gosto musical pelo *rap*. Os jovens desses grupos, apesar de manifestarem em algum momento uma posição sectária em relação a outros estilos, como o “pagodeiro” ou o “roqueiro”, em conversas informais, admitiram frequentar outros espaços, onde circulam outros tipos de jovens, como os *shoppings*, definidos como

espaço dos jovens “playboys”. Portanto, isso deixa implícito que uma identidade como a de uma subcultura é menos restrita do que se poderia supor. Apesar dos jovens elegerem um discurso de “missão”, em termos de envolvimento nas atividades sociopolíticas em suas comunidades, eles eventualmente se envolvem com outros grupos como os de jovens que apreciam o pagode, forró ou outros ritmos tocados em bares nas redondezas. Esses jovens, de outra maneira, não trazem nenhum discurso “revolucionário”, típico do *hip-hop*, mas abordam, por outro lado, o hedonismo e o amor romântico, temáticas pouco comuns nas letras dos grupos de *rap* nacional, que em geral tratam de problemas sociais na forma de um “protesto cantado”. Portanto, os grupos de *rap* transitam entre outros jovens, mas demarcam seus referências a partir de um conjunto de elementos estéticos que compõem o *hip-hop*.

Considerações Finais

Apesar da pouca utilização do conceito de gerações por pesquisadores brasileiros, assim como da variável metodológica do *método documentário de interpretação*, e dos *grupos de discussão* há algumas pesquisadoras que têm demonstrado sua eficácia em abordagens em que há uma maior ênfase na produção de dados qualitativos (Sposito, 1994), (Dayrel, 2005) E (Weller, 2010). Contudo, abordagens mais convencionais, baseadas em certas hipóteses sobre a juventude, ainda reforçam estereótipos sobre um suposto caráter da marginalidade juvenil intrínseca, assim como abordagens que tentam qualificar a juventude simplesmente por aspectos cronológicos.

As múltiplas culturas jovens desafiam os pesquisadores a construir um “campo de pesquisa” sobre juventude que não esteja vinculado a velhos paradigmas que narram a juventude de maneira espetacular e superficial. Para enfrentar tal situação, requer-se a construção de uma metodologia explicativa desses fenômenos presentes nas orientações coletivas juvenis, que considere

aspectos relacionados ao consumo da juventude pobre das classes trabalhadoras, bem como as dimensões relativas à construção de um sistema de distinções sociais pautado em categorias como raça-etnia, gênero e sexualidade.

Diferentemente daquilo que algumas perspectivas homogeneizantes poderiam apresentar, nessa investigação sobre os jovens em Ceilândia, foi encontrada uma diversidade dentro das “culturas juvenis”. Diante disso, diversas orientações coletivas puderam ser documentadas durante o convívio com os grupos, bem como por meio da análise dos grupos de discussões realizados ao longo da pesquisa.

O estudo das orientações coletivas em relação às narrativas de jovens negros da periferia de Brasília, em Ceilândia (DF), enfrentou a questão da marginalização urbana a partir de suas próprias experiências. Para isso, o estudo sobre os estilos de vida definido a partir de sua complexidade dentro de um sistema de gostos e distinções sociais estipula toda uma rede de relações que extrapolam o grupo em si.

Essa forma de cultura popular engajada em discursos de uma “missão transformadora” foi uma referência motivadora do envolvimento das primeiras gerações de jovens no *hip-hop* no Distrito Federal. Isso foi realizado mediante a intervenção no espaço público através de *shows*, assim como no campo publicitário dos meios de comunicação, que estigmatizavam a cidade, bem como sua juventude. Nesse caso, o *rap* passou a ser um dos referenciais do reconhecimento da juventude antirracista na periferia de Brasília.

A análise das orientações coletivas dos jovens envolvidos com o *hip-hop* e o *rap* em Ceilândia permitiu, por meio do método documentário, construir um tipo em relação social frente a sua posição geracional e ao seu estilo cultural. A cidade, com sua complexidade e contrastes, assim como com semelhanças no que se refere à condição de classe dos grupos, permitiu que esses se identificassem dentro de uma experiência intersubjetiva geracional (NUNES, 2007).

Em relação à constituição dos grupos, eles se originaram de maneira semelhante, a partir de projetos promovidos por instituições assistenciais que atuam em escolas no setor onde os jovens residem. Em geral, o sentido de missão política voltado para a mudança social foi apresentado de diversas maneiras pelos grupos, como: “revolução”, “cultura forte”, entre outras assumidas pelos grupos. Todas elas constituem expressões que, de maneira heterodoxa, propõem um envolvimento dos jovens com atividades sociopolíticas em sua cidade.

A formação e o envolvimento dos jovens com o *hip-hop* e o *rap*, que eram em sua maioria negros, do sexo masculino, com idade aproximada de 15 a 25 anos, foram motivados por vários elementos, como as relações vicinais articuladas por espaços de circulação e convivência como a escola. Contudo, apesar das semelhanças entre os jovens, isso não implica que os mesmos sejam homogêneos, mas que compartilham de uma visão de mundo em que se elege um “protagonismo jovem” como valor. Alguns grupos estão envolvidos em trabalhos sociais coordenados por ONGs locais ou regionais, outros atuam como empreendedores de pequenas atividades voltadas para o lazer em suas comunidades.

A família enquanto instituição social se mostrou relevante para os jovens que, em sua maioria, vivem com seus pais ou avós, os quais são espectadores do envolvimento dos seus filhos com a música. Paralelamente ao discurso que valoriza a interconexão geracional com os pais e as pessoas mais velhas, há um conjunto de assertivas que indicam o interesse dos jovens em criar um espaço de convívio restrito às suas práticas sociais em torno da música e da troca de experiências com outros jovens envolvidos num mesmo contexto geracional.

Parte da motivação dos grupos de *rap* em relação a uma transformação, definida por “revolução” ou “correr atrás de algo verdadeiro”, traduz o sentido de vários dilemas enfrentados pelos jovens no setor da cidade onde vivem, espaço onde lidam com experiências discriminatórias nas escolas ou mesmo nas ruas. Apesar do desejo de mudança e mobilização local, observa-se a tensão entre valores de cunho mais individualista, representados pela categoria *playboy* em

contraposição ao associativismo preconizado pelos jovens *rappers*. Os desacertos e a dificuldade de mobilização no sentido reivindicatório leva à criação de um imaginário distópico em relação à vida na periferia urbana, além da criação de estereótipos relacionados à violência juvenil. Portanto, em suas narrativas, há uma ambivalência entre uma violência naturalizada e o discurso em torno de um resgate social a partir de uma juventude envolvida no estilo *hip-hop*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNEY, Glaser. STRAUSS, Anselm. The Discovery of ground theory, Strategies for qualitative research. Chicago, Aldine Publishing Company, 1969.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o *rap* e o *funk* na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GLASER, B.G. & STRAUSS, A.L.. The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research. Chicago: Aldine, 1967.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera]. REIS – Revista española de investigaciones sociológicas. n. 62, 1952, p. 123-132, abr/jun, 1993.

NUNES, Brasilmar. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. In Sociedade e Estado, Brasília: v. 22, n. 3, p. 647-678, set./dez., 2007.

PAIS, José. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social - Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1994.

TOOP, David. The *rap* attack. Boston: South End Press, U.S. 1992.

VANDENBERGHE, Frédéric. As sociologias de Georg Simmel. São Paulo: EDUSC. Belém: Editora UFPA, 2005.

_____. Minha voz é tudo o que tenho. Práxis estética e experiências discriminatórias de jovens negros em São Paulo e de Jovens turcos em Berlim, Editora UFMG, 2011.